

A Inteligência Artificial e o emprego

É preciso adaptar as habilidades profissionais das pessoas para se tornarem mais produtivas usando a IA

Por Armando Castelar Pinheiro

Valor, 08/05/2026

Até que a escalada do petróleo monopolizasse a atenção dos investidores, no início de março, o mercado acionário americano parecia estressado com os riscos trazidos pela Inteligência Artificial (IA). Um deles dizia respeito às esticadas cotações das empresas de tecnologia, em especial em um ambiente de elevados investimentos com retornos, do ponto de vista de cada empresa individualmente, bastante incertos. O outro focava no risco trazido pela IA para empresas vistas como a ela mais vulneráveis, como escritórios de advocacia e empresas de consultoria empresarial, contabilidade e marketing, cujos clientes poderiam usar a IA para realizar diretamente os serviços delas contratados.

O mês de abril registrou, porém, uma notável reversão nesse processo, com o S&P 500 subindo 10,5%, melhor desempenho desde novembro de 2020, puxado pelas Magnificent Seven (alta de 14,9%), com o Philly semiconductor index subindo 38,4%. É provável que, pelo menos em parte, essas altas reflitam os resultados de pesquisas recentes mostrando que, até aqui, a IA não impactou, de forma significativa, o emprego nos setores considerados mais vulneráveis, em que pese ter trazido resultados favoráveis **em termos de aumento da produtividade**.

Mas será razoável esperar que esse padrão se mantenha? Um estudo que ajuda a responder essa pergunta é o de **H. Liu, D. Papanikolaou, L. Schmidt e B. Seegmiller**, publicado ao final de 2025, que analisa como o emprego deve ser afetado pelo uso mais amplo da IA.

O trabalho faz um amplo levantamento de como, no passado, as inovações tecnológicas impactaram o emprego, relacionando as invenções, como descritas nas respectivas patentes, com as tarefas desempenhadas pelos trabalhadores em cada tipo de ocupação, em um mergulho no tempo que em certas análises retrocede até 1850.

A conclusão geral bate com o que sabemos: as inovações introduzidas nos séculos XIX e XX reduziram a demanda por ocupações envolvendo tarefas físicas manuais e que exigiam menor escolaridade, impactando negativamente, em especial, os trabalhadores do gênero masculino. Com isso, “o progresso tecnológico ao longo do século XX (...) aumentou consistentemente a demanda por ocupações com maiores exigências

educacionais, ocupações que pagam salários mais altos e ocupações com maior participação de mulheres”. A proporção de mulheres na força de trabalho também aumentou, observam os autores, por conta do aumento da oferta, em função de inovações que reduziram a demanda por trabalho doméstico (e.g., refrigeradores, máquinas de lavar, aspiradores etc).

Porém, esse padrão relativamente benigno começou a mudar já em meados do século XX, com as inovações nas áreas de informática e comunicação. Em especial, “as ocupações no meio da distribuição de habilidades (renda) foram significativamente mais expostas à tecnologia no período pós-1980 do que os trabalhadores no topo ou na base da distribuição”. Isso pois, “antes de 1980, a inovação estava consistentemente associada a tarefas físicas manuais; (enquanto) em contraste, as inovações do final do século XX/início do século XXI tornaram-se relativamente mais relacionadas a tarefas cognitivas”.

Olhando à frente, os autores concluem que “[e]m forte contraste com os dois séculos anteriores, nosso arcabouço sugere que a IA — ao substituir principalmente tarefas cognitivas — deslocará a demanda relativa para ocupações com menor escolaridade, menores salários e maior participação de trabalhadores homens”. Ou seja, não apenas as ocupações de nível médio, mas também as de nível superior, estarão na linha de tiro.

Não parece um cenário otimista. Porém, a análise também chama a atenção para três resultados adicionais que ajudam a pensar sobre como lidar com o que vem pela frente. O primeiro é que a tecnologia substitui tarefas e não necessariamente ocupações. Com isso, “mesmo quando as tecnologias economizam trabalho, seu impacto líquido é ambíguo: elas substituem diretamente o trabalho em algumas tarefas, mas também podem elevar a produtividade geral, induzir a realocação para tarefas complementares e aumentar a demanda agregada por trabalho”. O uso da calculadora no setor financeiro é citado como um exemplo.

O segundo é que, ao longo do período analisado, “a exposição de tarefas interpessoais não mostra uma relação sistemática com mudanças no emprego, sugerindo que habilidades sociais podem oferecer alguma proteção contra tecnologias que economizam trabalho”. Ou seja, ocupações que envolvem atividades entre pessoas são menos afetadas por inovações tecnológicas.

O terceiro é que o efeito da idade sobre como as inovações impactam a empregabilidade é ambíguo. Trabalhadores mais velhos têm a vantagem da experiência e dos contatos interpessoais, que não são facilmente

substituíveis pela tecnologia. Por outro lado, os mais jovens têm mais facilidade de se adaptar às inovações.

Voltando à questão colocada acima, minha leitura é que, sim, a IA trará mudanças significativas no mercado de trabalho, como ocorreu com outras inovações no passado. Essas não precisam, porém, ser traumáticas, se soubermos para elas nos preparar. Para isso será preciso adaptar as habilidades profissionais das pessoas para se tornarem mais produtivas usando a IA. Será um desafio, em especial, para o sistema educacional, mas também para o RH das empresas. Mas, se conseguimos lidar com tantas inovações disruptivas no passado, porque duvidar que conseguiremos fazê-lo de novo com a IA? Talvez seja essa expectativa que está movendo o preço das ações, quem sabe?